

# Contribuições da Teoria da Polifonia à Análise da Conversação

Megan Parry de Castro Duque Estrada  
Universidade Federal do Pará

## 1. INTRODUÇÃO

A utilização do termo *pragmática*, modernamente, é atribuída ao filósofo Charles Morris, pela introdução que fez do trinômio *sintaxe, semântica e pragmática* como ramos da *semiótica*. A partir daí, muitos outros estudiosos lançaram mão deste termo, cada um, entretanto, ampliando ou restringindo o seu escopo, pelo fato de adotarem abordagens diferentes.

Durante algum tempo a pragmática foi vista como uma espécie de “saco de gatos”, onde eram colocados problemas lingüísticos de difícil solução e fatos cuja explicação era problemática. A evolução das investigações sobre a linguagem propiciou uma maior definição das motivações da pesquisa pragmática, mas, mesmo hoje em dia, não há uma precisão satisfatória do seu campo de ação, não há ainda um domínio teórico bem definido, por ser produto de reflexão de áreas de interesse distintas. O que há em comum entre as abordagens é o seu objeto de estudo: *a linguagem em uso, os modos como ela é utilizada na comunicação*.

Para que se possa fazer uso de uma língua é necessário fazer certos cálculos, tanto para produzir quanto para interpretar os textos e, segundo LEVINSON (1983:53), essa habilidade independe de crenças idiossincráticas, sentimentos e uso (apesar de poder referir-se àqueles compartilhados pelos participantes), sendo na sua maior parte baseada em princípios relativamente abstratos e regulares. Para ele, a pragmática pode ser entendida como a descrição dessa habilidade, já que tanto opera nas línguas particulares quanto na linguagem de modo geral e, certamente, tal descrição tem lugar em qualquer teoria lingüística.

Nos anos 60 e início da década de 70, a partir de trabalhos que incluíam ciências como a lingüística, a semiótica, a psicologia, a antropologia e a sociologia, surgiu uma nova área de estudos, a *análise do discurso*, ligada à pragmática. Ela preocupa-se em analisar as relações entre a língua e os contextos nos quais ela é utilizada, investigando, indistintamente, textos escritos de todo tipo e material oral que varia desde conversações informais a interações altamente institucionalizadas.

A análise do discurso espalhou-se numa espécie de disciplina abrangente e heterogênea que, no entanto, encontra unidade no estudo da língua que ultrapassa as fronteiras da frase e interessa-se pelo contexto e pelas influências culturais que afetam o seu uso. Assim, ela tem servido, mais e mais freqüentemente, de pano de fundo a pesquisas em lingüística aplicada e ao ensino-aprendizagem de línguas.

Sob essa mesma denominação encontra-se a sub-área da *análise da conversação*, que dá ênfase às observações do comportamento dos participantes engajados em atividades de fala em situação de comunicação e dos padrões recorrentes presentes em dados reais.

Aquando da elaboração de nossa Dissertação de Mestrado, intitulada “O Marcador Interativo Né na Fala Urbana Culta Paraense”, lançamos mão dos preceitos teóricos e da metodologia própria da análise da conversação para traçarmos forma, entoação, localização e função do “né” na conversação informal. Hoje, após termos tido contato com outras teorias lingüísticas, atraí-nos a idéia de tentarmos aplicar outros conceitos a um material já analisado sob determinado ângulo, no sentido de ampliar a visão que dele já possuímos, pois é nossa intenção elaborar uma tipologia dos marcadores que possuem características semelhantes às suas.

Escolhemos para tal propósito a *pragmática integrada* de Ducrot<sup>1</sup>, posto que ela, assim como a análise do discurso, propõe análises lingüísticas do uso ordinário da linguagem que ultrapassam o âmbito da frase e que levam em conta os interlocutores e o contexto ordinário mundano” (CUNHA, 1991:11).

Tomaremos um trecho de texto extraído da pesquisa “O Estilo

Conversacional na Fala Culta Urbana Paraense”, que apresente uma unidade tópica e que possua em seu bojo o marcador “né”. Naturalmente tratar-se-á de uma transcrição de parte de uma conversação informal face a face, estruturada de acordo com a metodologia utilizada para trabalhos na área da análise da conversação. Procuraremos analisá-lo de acordo com a teoria da polifonia proposta por Ducrot, além de apontarmos os resultados a que chegamos através da análise anterior.

## 2. A TEORIA DA POLIFONIA

É necessário mostrar algumas das noções básicas introduzidas pela teoria da polifonia, evitando confundi-las com os termos utilizados pela análise da conversação. Inicialmente deve-se atentar para certas distinções que Ducrot apresenta. Para ele o *sujeito falante* e o *locutor* são conceitos diferentes: o primeiro é um ser empírico, é um ente real; o segundo é um ser que só tem existência no discurso, não se trata de uma pessoa: é ele que dá existência aos *emunciadores*, e é também através dele que são veiculados os diferentes pontos de vista e os conteúdos do texto. O fato de possuírem definições diferentes, entretanto, não impede que, por vezes, os vejamos assimilados, pois elas servem apenas para indicar que eles estão em instâncias diferentes de observação, em camadas de sentido distintas.

Ducrot opõe também o *locutor ao alocutário* e o *enunciador ao destinatário*. O locutor é o autor das palavras, o sujeito do dizer; e o alocutário é a pessoa a quem o locutor declara se dirigir, o ser para quem as palavras são ditas. O enunciador é o agente dos atos ilocucionários, pessoa a quem o locutor atribui a responsabilidade do que é dito no enunciado; e o destinatário é a pessoa a quem é dito, segundo o enunciador, o que é dito no enunciado (CUNHA, 1991:13).

A polifonia indica a possibilidade de apresentar-se, no mesmo discurso, uma ou mais vozes superpostas, a capacidade que o locutor possui de incorporar a sua fala dizeres atribuídos a diferentes personagens discursivos apresentados através de diferentes enunciadores.

### 3. FONTES ENUNCIATIVAS

Indubitavelmente, a teoria da polifonia de Ducrot aborda a produção de enunciados de modo diferente daquele apresentado pela análise da conversação, entretanto, é possível tentar algum tipo de aproximação e observar de que maneira uma prática pode afetar a outra.

Utilizamos o termo *enunciado* tendo em vista a noção a ele atribuída por Ducrot, já que, na literatura específica de análise da conversação, ele pode ser encontrado com significação semelhante: *um fragmento de discurso observável, aquilo que é dito pelos interagentes em situação de comunicação*.

No tocante a essa definição generalizante do termo, não vemos problema da utilização nas duas teorias mas, se descermos a níveis mais específicos e finos de análise, encontraremos sensíveis diferenças.

Quando Ducrot faz uso do termo *enunciado* como fragmento de discurso, diz que esse termo “deve ser distinguido da *frase*, que é uma construção do linguísta, e que permite dar conta dos enunciados”. Ele insiste também na “idéia de que a separação entre a entidade observável e a entidade teórica não diz respeito a uma diferença empírica entre essas duas entidades, em que uma seria de ordem perceptiva e a outra de ordem intelectual, mas a uma diferença de estatuto metodológico, que é, pois, relativa ao ponto de vista escolhido pela pesquisa” (DUCROT, 1987:167).

Para esclarecer um pouco mais a noção de enunciado, ele lança mão da noção de *autonomia relativa*, que está, para ele, na satisfação simultânea das condições de coesão e independência. Ele observa que “há coesão em um segmento se nenhum de seus segmentos é escolhido por si mesmo, se a escolha de cada constituinte é sempre determinada pela escolha de conjunto” e “uma seqüência é independente se sua escolha não é imposta pela escolha de um conjunto mais amplo de que faz parte” (op. cit. p.164). Um discurso se constitui, a seu ver, numa seqüência linear de enunciados, que o sujeito falante apresenta, cada um correspondendo a uma escolha.

Na tentativa de aplicar essas idéias, concluímos que a produção de cada locutor imputada a um enunciador seria um enunciado e que, portanto, a fala do locutor possuiria tantos enunciados quantos enunciadores fossem identificados. Esbarramos, nesse ponto, com um problema operacional: qual seria o enunciado atribuído àquilo que o enunciador apresenta em forma de pressuposição, já que ela não é observável na superfície da fala? Seria considerado enunciado apenas o equivalente às produções dos locutores imputadas aos enunciadores presentes no discurso explicitamente, a fala dos locutores segmentada pela produção dos enunciadores? O exemplo citado no livro “O Dizer e o Dito”, de Ducrot, (op. cit. p.165) mostra que “*Coma para viver!*” é considerado como um enunciado, e “*Coma! para viver*” como dois enunciados.

A problemática da segmentação de material lingüístico em unidades mínimas para estudo sempre causou certa dificuldade aos pesquisadores. Em análise da conversação já foram propostas diversas classificações, na tentativa de sistematizar o que é dito pelos interagentes.

Tomando como exemplo a fala de cada participante, enquanto ele faz uso da palavra, temos uma definição clássica de *turno*. Clássica, mas não definitivamente aceita por todos; clássica, mas utilizada com restrições e freqüentes explicações e observações complementares feitas por alguns.

Diferentemente da pragmática integrada, a análise da conversação não faz distinções em *camadas hierárquicas de sentido*, entretanto, apresenta também um *modelo de classificação hierárquica* que, juntamente com o *modelo seqüencial*, procura dar conta das regras de estratégias de interação verbal e da estrutura conversacional.

O modelo seqüencial é linear e apresenta os enunciados ordenados uns após os outros, em *turnos*. Esse modelo possui um duplo sistema de regras: as regras relacionadas à alternância de turnos e as regras relacionadas aos tipos de episódios e de relações interpessoais. O primeiro grupo mostra como se dá a tomada e a manutenção do turno, como se manifesta o co-participante, como é

passada a palavra ao interlocutor, como acontecem as interrupções, os silêncios e as falhas na comunicação. O segundo grupo especifica os episódios de acordo com o seu tipo e lugar no discurso, com a atitude dos participantes e com o movimento tópico apresentado no texto.

O modelo hierárquico apresentado pela análise da conversação mostra a interação organizada em níveis, que estão em relação de subordinação entre si: unidades maiores que englobam unidades menores. De acordo com Catherine KERBRAT-ORECCHIONI (1987:1 e 1990:213) esse modelo possui cinco níveis: *interaction*, *séquence*, *échange*, *intervention* e *actes de langage*. As três primeiras categorias são *unidades dialogais* e as duas últimas *unidades monologais*. A terminologia adotada por outros autores para caracterizar essas unidades varia um pouco, mas isso não modifica o fato de que a interação é o elemento maior que engloba todos os outros.

O *ato de fala* é o estágio mais baixo em que se decompõe tal modelo, e possui *função ilocutória e interativa*. Em nosso trabalho, por aproximação, ele aparece como *unidade comunicativa*, a exemplo da proposta de MARCUSCHI (1986). Por aproximação, também, podemos tentar relacioná-lo ao *enunciado* de Ducrot, como a produção do locutor assimilado a um enunciador, de acordo com a teoria da polifonia.

Ao analisar as transcrições de dados reais, nem sempre é fácil identificar as unidades comunicativas; muitas vezes surgem dúvidas a respeito de onde acaba uma e inicia a outra. Nesse sentido é que vemos que a teoria da polifonia pode ser útil à análise da conversação. A delimitação das diversas vezes que o locutor faz emergir em seu discurso pode auxiliar na delimitação das diversas unidades comunicativas que fazem parte de um mesmo turno, visto que ambas possuem funções ilocutórias e interativas.

A título de ilustração, tomemos como exemplo o seguinte extrato de texto:

- |    |    |   |
|----|----|---|
| 1  | I  | viu, ó B, tu num morres mais.   |
| 2  | B: | hein?   |
| 3  | I  | tu num morres mais.   |
| 4  | B: | eu o quê?   |
| 5  | I  | tu num morres mais.   |
| 6  |    | tinha acabado de dizer “e a B que ainda não chegou,                     |
| 7  |    | e isso”?  |
| 8  | B: | ((risada)) meu deus, estava todo mundo se descabelANDO por minha causa. |
| 9  |    |   |
| 10 |    | EIS que eu [chego].   |
| 11 | I  | [porque] tu chegas/ tu chegas toda vez                                  |
| 12 |    | sempre cedo, né? assim dez minutos antes,                               |
| 13 |    | [dez] pras oito.  |
| 14 | B: | [é:]  |
| 15 | I  | aí ente [ + ] tá té acostumada.   |
| 16 | B: | [[((risos))]]   |
| 17 |    | que nada menina.  |
| 18 | I  | vieste da faculdade?  |
| 19 | B: | não, vim de casa.   |

Neste fragmento de discurso identificamos onze turnos alternados das falas de I e B, que apresentam uma unidade temática, e se desenvolvem a propósito do atraso de B. Temos o que pode ser classificado como um tópico conversacional ou, de acordo com KERBRAT- ORECCHIONI (1990:213), uma seqüência, parte integrante de um conjunto maior, que é a interação.

Compondo essa seqüência, podemos identificar dois tipos diferentes de trocas (*échanges*). Uma é binária e bastante simples, constitui o fechamento da seqüência, e possui uma pergunta e uma resposta, que são os turnos 10 e 11, respectivamente. A outra seqüência é um tipo bem mais complexo, composto dos nove turnos iniciais, e mereceria uma análise mais detalhada, provavelmente até capaz de

suscitar algumas discordâncias pelo tipo de material que envolve, pois a conversa informal é muito dinâmica e evolui de forma imprevisível.

Uma observação do tipo “*tu não morres mais*” pode simplesmente ser concluída com algo como “*estavas falando de mim, né?*”, ou gerar uma seqüência ternária como esta:

I: *tu não morres mais.*

B: *por que?*

I: *estava falando de ti.*

Estes são os tipos de seqüência mais fáceis de serem identificados. Há também outras mais longas, como as que temos no exemplo, onde são inseridas certas falas, dando um movimento rico e único à interação, porém complicado, especialmente quando se trata de uma análise mais fina.

Passando às unidades monológicas, temos as intervenções. São elas que formam as trocas, mas não devem ser confundidas com os turnos, muito embora muitas vezes possam com eles coincidir. Por exemplo, os dois últimos turnos possuem apenas uma intervenção cada, e essas duas intervenções formam uma troca. Nessa troca a primeira intervenção é *iniciativa* e a segunda *reativa*, ambas centradas em atos de fala: *perguntar* e *responder*.

O ato de fala é o estágio mais baixo em que se decompõe a interação no modelo hierárquico, e seu valor ilocutório não pode ser visto dissociado do seu valor interativo.

É nesse nível de análise que vislumbramos a possibilidade de enriquecer nosso conhecimento a respeito da interação, levando também em conta o fato de que uma intervenção ou um ato de fala podem conter “vozes” diversas. Como dissemos anteriormente, associamos, por aproximação, a unidade comunicativa ao enunciado proposto por Ducrot.

No turno 5, I diz: *tu não morres mais. tinha acabado de dizer “e a B que ainda não chegou e isso”*. De acordo com a análise da conversação, a segmentação desse turno em unidades comunicativas

poderia dar-se entre a primeira frase *tu não morres mais* e o resto; ambas produções do falante principal. Se ao final da primeira unidade comunicativa estivesse colocado o marcador “né”, diríamos, então, que, de acordo com a sua localização, ele estaria no meio de um turno e no final de uma unidade comunicativa, sítio que revelou-se como o preferido para esse tipo de expressão. Todo o resto do turno seria considerado como uma segunda unidade comunicativa, até a barra diagonal, indicando que o falante suspendeu sua fala em função talvez dos risos de B que, com essa estratégia, faz um assalto ao turno de I.

Numa análise, de acordo com a teoria da polifonia, diríamos que nesse turno temos: um locutor, autor de tudo aquilo que nele foi articulado; um primeiro enunciador (E1), a quem é imputada a informação contida no primeiro enunciado *tu não morres mais*; um segundo enunciador (E2), responsável pela implicatura *estás atrasada*, que está subentendida; um terceiro enunciador (E3), responsável pelo fato de I ter acabado de dizer algo *tinha acabado de dizer ...*; um quarto enunciador (E4), a quem se imputaria a informação daquilo que I acabara de dizer *e a B que ainda não chegou, e isso*. Poderíamos até sugerir um quinto enunciador (E5), a quem se imputaria a pressuposição de que B estava sendo esperada, informação que está ancorada no discurso através da palavra “ainda”. Há também a possibilidade de um sexto enunciador (E6), identificado como o “*on-vérité*”, saber popular.

Sem dúvida esta última é uma análise enriquecedora em relação à primeira e, de certa forma, explica melhor a reação apresentada por B no turno seguinte, justificando inclusive o corte. B reage não diretamente ao conteúdo informativo da fala de I, mas ao que foi implicado, ao valor ilocutório que é veiculado, à crítica velada que é feita e que a leva a tentar uma espécie de justificativa ou abrandamento de sua atitude. I percebe a intenção de B e também tenta explicar o porquê de sua observação e amenizá-la; e B, então, aceita a ponderação de I.

Muito do que foi dito neste ensaio, é fruto também do conhecimento que possuímos da situação de comunicação. E neste

caso específico, cabe dizer que B estava chegando ao seu local de trabalho, e que, assim como I, é secretária de uma escola de língua estrangeira.

#### 4. CONCLUSÃO

É importante ressaltar o papel da argumentação nessas análises, de que forma são utilizadas as variadas estratégias com as quais os locutores manipulam seus interlocutores através do jogo dos enunciadores, ora assumindo certos conteúdos, ora imputando a outros a responsabilidade pela informação que está veiculando. A teoria da polifonia, por si só, naturalmente não dá conta de todos os problemas que surgem aquando da segmentação das falas de um discurso, nem mesmo é esta a sua intenção, mas certamente pode ajudar a desvendar certos aspectos dessa intrincada rede de conteúdos e, quem sabe, levar-nos mesmo a repensar a noção de unidade comunicativa em análise da conversação.

#### NOTAS

1- A pragmática integrada de Ducrot não dissocia a semântica da pragmática. Nela, para a determinação do sentido, são levadas em conta a teoria da polifonia e uma teoria maximalista da argumentação.

2- A linha 14, em que B diz "é:", não é considerada como um turno, ela é apenas uma fala de ouvinte em sobreposição característica, uma monitoração, um acompanhamento, que indica que os interlocutores estão em sintonia. Os risos, na linha 16, também não constituem um turno, mas não são uma manifestação linguística como a anterior, são tão-somente um recurso paralinguístico não-verbal.

3- Bublitz apresenta três fontes enunciativas, intercambiáveis de acordo com a função comunicativa que cada uma delas tem no discurso. O falante principal é quem dá uma contribuição maior ao tópico corrente e desempenha atos de fala geralmente mais complexos; o falante secundário é quem dá uma contribuição menor ao tópico e declara isso através de alguns atos de fala, normalmente em reação ou apoio ao que o falante principal disse; e o ouvinte é aquele que apenas sinaliza, indicando que está atento ao que foi dito através de um grupo limitado de sinais peculiares breves.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUBLITZ, W. *Supportive fellow-speakers and cooperative conversations: discourse topica and topical actions, participant roles and "recipient action" in a particular type of every-day conversation*. Amsterdam: John Benjamin Publishing Company, 1988.
- CUNHA, J. C. *Pragmática lingüística e didática das línguas*. Belém: Universidade Federal do Pará, 1991.
- DUCROT, O. *O dizer e o dito* (revisão técnica da tradução Eduardo Guimarães). Campinas: Pontes, 1987.
- ESTRADA, Megan Duque. *O marcador interativo né na fala urbana culta paraense*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Línguas e Literaturas Estrangeiras do Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Pará: Belém, 1991.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. *Les interations verbales*. Tome I. Paris: A. Colin, 1990.
- LEVINSON, G. *Pragmatics. Cambridge Textbooks in Linguistics*. New York: Cambridge University Press, 1983.
- MARCUSCHI, L. A. *A análise da conversação*. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1986.